

**ETNOGRAFIA E ETNOBIOLOGIA
SOBRE O USO DA JUREMA-
PRETA (*Mimosa tenuiflora* (Willd.)
Poir.) PELOS ÍNDIOS PANKARARÉ
(NORDESTE DO BRASIL)**

**Edilson Alves dos Santos^{1,2}, Antônio Euzébio Goulart Santana¹,
Elaine Patrícia de Souza Oliveira², Juracy Marques dos Santos² e
Ulysses Paulino de Albuquerque³**

¹ Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Química e Biotecnologia,
Laboratório de Produtos Naturais, Maceió, AL.

² Universidade do Estado da Bahia, Núcleo de Pesquisas em Povos e
Comunidade Tradicionais e Ações Socioambientais (NECTAS).

³ Universidade Federal Rural de Pernambuco –
Laboratório de Etnobotânica Aplicada, Recife, PE.



RESUMO

Os pankararé ocupam uma área do nordeste do estado da Bahia situada dentro do Raso da Catarina, no município de Glória, BA. Com o objetivo de compreender a forma como esses indígenas usam a jurema-preta (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.) em seus rituais sagrados, particularmente, a ciência do índio e a festa do amaro, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com homens e mulheres adultos da comunidade acompanhados pelo responsável da aldeia, o cacique Afonso. Para este povo o vinho da jurema produzido com a raiz é consumido com o objetivo de obter a cura do corpo e da alma através do contato com os encantados. Estabelece-se como um dom, um encantado (praiás), como uma força sagrada da natureza, dotada de saberes mágicos ou cósmicos, fortemente cultuada nas tradições pankararé, uma vez que na sua cosmovisão e ritualidade a ingestão do vinho traz revelações, força espiritual e os conservam em suas tradições enquanto povo indígena ecologicamente associado à vegetação de Caatinga, o que permite fortes relações com a conservação da sua biodiversidade.

Palavras-chave: Etnobotânica. Semiárido. Cosmovisão. Rituais.

ABSTRACT

The pankararé occupies an area of the northeastern state of Bahia located within the Raso da Catarina, in the municipality of Gloria, BA. This study aimed to understand how the indigenous pankararé from Raso da Catarina use juremapreta (*Mimosa tenuiflora* (willd.) Poir.) In their sacred rites, particularly the “ciência do índio” and the “festa do amaro”. Semi-structured interviews were conducted with adults of this community and with the cacique responsible for the village, beyond in locus observations. To these people, the wine from jurema roots is consumed with the objective of obtaining healing of body and soul through contact with the enchanted. Jurema preta is set as a gift, an enchanted (“praiás”), as a sacred force of the nature, endowed with magical or cosmic status, strongly revered in pankararé traditions, since in their worldview and spirituality the ingestion of wine brings revelations, spiritual strength and maintain in the tradition as an indigenous people ecologically associated to the “caatinga” vegetation, which allows strong relationships with its biodiversity conservation.

Keywords: Ethnobotany. Semi-arid. Worldview. Rituals.

1 INTRODUÇÃO

A região Nordeste do Brasil abriga em seus ecossistemas, com predominância do bioma Caatinga, uma grande biodiversidade, com um hábitat específico para plantas medicinais e aromáticas não encontradas em outras regiões do globo. O seu povo e a sua cultura utilizam também essas plantas de maneira diferenciada e característica, seja em cosmética, culinária, medicina popular ou outros usos. A vegetação da Caatinga também apresenta grande potencial para produção de forrageiras constituindo-se na maioria das vezes a principal fonte de alimentação animal (CALDAS PINTO et al., 2006). Dentre as espécies forrageiras destacam-se a jurema-preta (*Mimosa tenuiflora* (Wild) Poir) e a jurema-branca [*Piptadenia stipulacea* (Benth.)] muito apreciadas como alimento por ovinos, caprinos e bovinos, principalmente na estação seca. No entanto, seu uso pelas populações locais vai além do seu valor forrageiro, sendo esta utilizada também como madeira, carvão e na medicina caseira em tratamentos de queimaduras, acne, problemas de pele e, pelo seu potencial antimicrobiano, como analgésico, regenerador de células, antitérmico e adstringente peitoral; sobretudo, destacando-se como elemento principal nos rituais sagrados e na cultura indígena de muitas tribos indígenas no Nordeste brasileiro e (MAIA, 2004).

O grupo indígena Pankararé ocupa uma área nordeste do estado da Bahia, Nordeste do Brasil, situada dentro do quadrilátero formado pelas cidades de Paulo Afonso, Jeremoabo, Canudos e Macururé (Figura 1) concentrado no Brejo do Burgo (40 km de Paulo Afonso), no município de Glória, nas coordenadas de 09° 20' S e 38° 15' W, a uma altitude de 250 metros e com uma extensão total de 7.882 km² (IBGE, 2009), na borda setentrional do Raso da Catarina (REIS, 2004).

ETNOGRÁFICA E ETNOBIOLOGIA SOBRE O USO DA JUREMA-PRETA (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.)
PELOS ÍNDIOS PANKARARÉ (NORDESTE DO BRASIL)

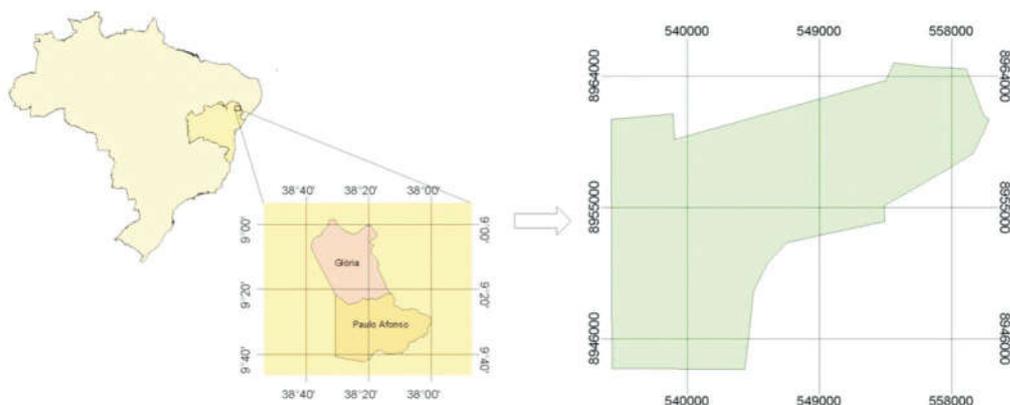


Figura 1 – Mapa da área ocupada pela população indígena Pankararé
Fonte: Bandeira, 2003

Uma pequena parte dos indígenas habita na Serrota (6 km ao sul do Brejo) e nas vertentes de um cânion, na Baixa do Chico. Atualmente os Pankararé totalizam uma população com aproximadamente 1.356 índios (FUNASA, 2008). Existe uma relação simbiótica entre os Pankararé e a região do Raso da Catarina, visto que para eles a natureza é sagrada.

Estudos que tratam do uso das plantas sagradas e/ou psicoativas, ou seja, que causam alteração de consciência ou são depositárias de cultos e ritos religiosos por populações específicas como na região do Raso da Catarina, são relevantes, além de proporcionar o conhecimento de dados que possibilitem compreender de que forma os indígenas Pankararé do Raso da Catarina, Glória-BA, usam a Jurema-Preta (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.) em seus rituais sagrados, particularmente a Ciência do Índio e a Festa do Amaro (MAIA, 1992).

2 METODOLOGIA

O trabalho de campo foi desenvolvido no período de outubro de 2008 a outubro de 2009, no Brejo do Burgo, município de Glória, Bahia, onde foram realizadas as coletas de informações por meio de entrevistas com índios de idades entre 28 a 72 anos, sendo 26 mulheres e nove homens. No processo de coleta de dados

foram realizadas entrevistas semiestruturadas onde constavam informações etnobotânica a respeito do uso de jurema-preta nos rituais sagrado. O estudo do uso deste vegetal nos Rituais Pankararé foi realizado através de observações diretas na Ciência do Índio, na Festa do Amaro e nos Torés. As informações etnográficas a respeito dos rituais sagrados e seus segredos foram obtidos pelos relatos do cacique Afonso considerado a maior liderança espiritual.

As visitas às áreas indígenas foram realizadas com o apoio do Núcleo de Estudos em Comunidades Tradicionais e Ações Socioambientais (NECTAS) da Universidade do Estado da Bahia, Campus VIII, Paulo Afonso/BA e Fundação Nacional de Apoio aos Índios (FUNAI).

3 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA JUREMA-PRETA

A Jurema-preta (*Mimosa tenuiflora* (WILLD.) Poir), pertence à família Leguminosae, Subfamília Mimosoideae. De jú-r-ema, que significa espinheiro suculento. A jurema é encontrada principalmente em todo o Nordeste brasileiro e também em Minas Gerais. Possui grande ocorrência e amplitude ecológica nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia (Figuras 2 e 3). No México é conhecida como tepescahuite ou tepesquehuite; em Honduras, Colômbia e Venezuela como carbón, carbonal, Cabrera ou Cabrero. No Brasil foram catalogadas até agora 19 espécies conhecidas por jurema como indica Albuquerque (2002).

ETNOGRÁFICA E ETNOBIOLOGIA SOBRE O USO DA JUREMA-PRETA (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.)
PELOS ÍNDIOS PANKARARÉ (NORDESTE DO BRASIL)



Figura 2 – *Mimosa tenuiflora* (Jurema-preta)
Fonte: Marques, 2009



Figura 3 – Inflorescência de *Mimosa tenuiflora*
Fonte: Santos, 2009

4 A JUREMA PRETA NOS RITUAIS SAGRADOS

A jurema no contexto indígena é assunto de muito esforço por parte da antropologia contemporânea. A maior importância da jurema neste contexto deve-se aos processos de emergências étnicas. A jurema é um dos elementos diferenciadores entre o índio e o branco, por isso seu uso ritual é apresentado como o elemento de diferenciador e legitimador da etnia como grupo diferenciado. Em quase todo o nordeste indígena, a jurema é o centro das práticas rituais. O sagrado se faz assumindo a jurema como o veículo que leva o índio ao encontro dos espíritos ou “encantados”. A planta é um elemento guardado pelos grupos indígena em segredo, caracterizando-se em um sigilo preventivo.

Os Pankararé não percebem a jurema simplesmente como uma planta, na forma como percebemos na Botânica. Para esse povo, essa planta tem um valor simbólico muito intenso e é considerada uma das espécies da Caatinga mais sagradas, uma vez que também é cultuada como um dos “encantados” (guardiões da natureza), a quem é atribuída à força de uma das entidades mais fortes nas tradições indígenas: o Mestre Juremeira. E por sentir a natureza de forma profunda, respeitam e preservam. Os encantados fazem parte da cosmovisão dos indígenas. São forças sagradas, geralmente relacionadas à natureza como árvores, sementes, animais, espíritos de indígenas mais velhos encarnados ou de origens milenares. O Mestre Juremeira é um desses espíritos, um índio encantado que “baixa” nos rituais e orienta os indígenas, promove a cura etc. (MARQUES, 2007).

Para os indígenas a natureza tem sentimentos, as matas choram, gritam e se vestem. Podemos inferir que uma das características das tradições vivenciadas pelos Pankararé é colocá-los em constante contato com a natureza. É para ouvi-la, curar-se a partir de seus conselhos. Essa conexão dar-se no que os indígenas chamam “Ciência do Índio”, um ritual secreto, acessível apenas aos indígenas, onde se incorporam as entidades que são recebidas no corpo de um dos indígenas que participam da tradição. É por meio de um corpo que essa entidade fala,

assume certa ‘materialidade’ e fazem os rituais de cura. Outra tradição muito forte da presença da Jurema é a “Festa do Amaro” (ritual feito pelos indígenas todos os anos na Caatinga, nas matas, em que se celebra o reencontro, a coletividade indígena e fazem os rituais que trazem a marca da cristianização e o culto dos encantados dos Praiás), esse último essencialmente ligado à tradição indígena onde é produzido o vinho da Jurema. Na preparação do vinho, apenas os homens iniciados na ciência participam da extração da raiz. A região de coleta da raiz deve estar direcionada para o nascer do sol, porque é a direção do nascimento da ciência. Na cosmovisão dos Pankararé sua ciência (rituais) nasce no pôr do sol e encerra-se no poente. É sua dimensão mítica. Inspirado nisso fazem a coleta na direção do nascimento do sol, para eles a correta. Para o povo Pankararé há um preparo especial do “vinho” da jurema preta, como descreve o cacique Afonso:

A raiz tem que pegar do lado que o sol nasce, porque o lado que o sol se põe morre a ciência. Tá destruindo a região que se tirou um galho, mas ela cicatriza, não morre. Tá preservando a natureza. Tem que salvar para tirar e pedir o dom para quem você tá fazendo, se é pego a serventia dela tem que pegar do lado que o sol nasce. A raiz é defumada e depois tem que encobrir. O vinho tem que ser encruzado na fumaça. Faz de um dia pro outro. Só homem faz o vinho, mas não são todos.

O vinho é colocado numa tigela de barro (ARIBÉ) “num altar” (Figura 4), organizado embaixo de um jatobá, no grande terreiro do Amaro, onde são evocados os cantos das matas e das águas. É um momento em que participam apenas os homens. Para os indígenas é a Jurema que vai dar a força e trazer a revelação. Pode-se dizer que o ritual com a Jurema é o que permite o contato dos indígenas com o mundo dos encantados.



Figura 4 – Uso do vinho da jurema na Festa do Amaro, Raso da Catarina
Fonte: Marques, 2007

Após este momento, com a chegada da “boquinha da noite”, como falam os indígenas, os encantados saem das matas, da Caatinga, vestidos com os Praiás. Os Praiás ao mesmo tempo em que estão nominalmente relacionados aos encantados, também são suas máscaras ritualísticas confeccionadas pelos próprios indígenas com fibra de caroá, uma espécie típica da caatinga. São essas máscaras que cobrem todo o corpo do indígena que estabelecem na tradição a noção do segredo sagrado e com isso dançam durante a noite toda ao som dos toantes puxados pela Mestra de Cabeceira (relacionado a quem fica na “cabeça” da fila que puxa os cantos para os encantados). Na Festa do Amaro, num grande terreiro, onde se canta e dança para os “encantados”, para os “Praiás”, esses cantos são puxados por uma autoridade, o Mestre de Cabeceira, hoje D. Edézia, uma liderança espiritual da aldeia (MARQUES, 2007).

Trata-se, acima de tudo, de tradições de culto à natureza sagrada, como sempre foi entre as culturas indígenas, onde a Jurema Preta parece reinar como a grande estrela da Caatinga para os Pankararé.

Nos rituais Pankararé os indígenas trabalham juntos, com funções determinadas pelo líder da comunidade. Na Festa do Amaro os homens vão para o terreiro três dias antes para limpar o local da festa. As tarefas são distribuídas, alguns capinam a parte externa do terreiro, outros ficam responsáveis para varrer o terreiro, outros para decoração, formando um sistema etnoecológico Pankararé onde todos contribuem (Figura 5).



Figura 5 – (A) Praiás Pankararé
Fonte: Marques, 2006



Figura 5 – (B) Ritual Pankararé
Fonte: Marques, 2006

O Pajé fica responsável pela limpeza espiritual do Terreiro, pelas orações, uso de ervas sempre com o auxílio do Cacique Afonso e outros indígenas iniciados na Ciência do Índio. A bebida da jurema-preta é produzida e servida no dia da Festa do Amaro e na Ciência do Índio. A ingestão do vinho da jurema pelos indígenas acontece por várias vezes durante os Rituais, para atingirem espiritualmente o Reino dos Encantados.

Há uma semelhança no culto à Jurema nos vários povos indígenas do Nordeste. A relação que existe na cosmovisão desses grupos tribais é o produto social e cultural provável da interação secularmente estabelecida entre eles, neste setor do Nordeste brasileiro que, por apresentar tais características, se configuram como caráter de uma área sociocultural indígena (SAMPAIO, 1997).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto do sincretismo brasileiro afroameríndio, a presença ou não da jurema como elemento sagrado do culto vem estabelecer a diferença principal entre as práticas de umbanda e do catimbó. Jurema é, atualmente, não só designativa de uma espécie botânica, como também, de uma divindade e de sua morada sagrada, a região celeste (jurema), de onde chegam os encantados quando invocados a comparecer no espaço ritual, como diz (ALBUQUERQUE, 1997).

Os Kariri-Xocó, que vivem às margens do rio São Francisco, celebram, ainda hoje, uma das festas sagradas chamada Ouricuri, onde a Jurema é a origem da vida e funciona como renovação/autoafirmação da condição de índio. Assim a jurema auxilia na transformação de uma autoconsciência individual colonizada (e prejudicada) numa consciência de grupo social que se beneficia do segredo ritualístico, onde “acima de tudo, a jurema é uma árvore que significa o princípio criador, sendo que a substância extraída de suas raízes traz mensagem de Sonsé, o criador” (MOTA, 2007, p. 121). Destaca-se, também, que a função da Jurema é a de proporcionar visões e sonhos de outro mundo, mas sem deixar a pessoa fora do seu estado normal de consciência, para eles ela é a divindade formadora da etnia e que ao tomarem a Jurema, eles buscam pelo significado de suas vidas, o que é ser um Kariri e um Xocó, a Jurema os ensina a viver através de seu discurso sagrado, é usada para limpar o corpo e para livrar-se dos maus espíritos (MOTA, 1990).

Para os Geripancó a Jurema também cumpre esse papel de purificação corporal e espiritual. Também é usada pelos índios da etnia Xucuru em conjunto com a jurema branca [*Piptadenia stipulacea* (BENTH.)] para fins medicinais e religiosos, sendo a casca do caule usada para fins medicinais e a casca da raiz usada nas cerimônias religiosas, pois possui maior parte dos alcalóides psicoativos (MOTA, 2007).

Para os Tuxás a ingestão da jurema é a condição para a evidência dos encantados. Fica evidente que todos esses povos que fazem uso e cultuam a Jurema-preta têm objetivos em comum: curar doentes, afastar mau olhado, receber conselhos dos antepassados e atingir o plano espiritual (SAMPAIO, 1997). Os índios Atikum-Umã no sertão de Pernambuco denominam o preparo da Sagrada Jurema como forma de ligação com o Divino. Dentro da tradição do índio encontramos no uso da jurema a marca de oposição – de distinção – com relação à “parte civilizada”. A jurema, também chamada durante os trabalhos de Anjúca, representa o Mestre de toré, “o sangue de Cristo” e para eles o toré é o sinal que garante a identidade indígena. O toré para os indígenas representa sua tradição, sua união e a sua religião; e este sentido de identidade social e cósmica foi apreendido na comunhão que a jurema lhes proporcionou. Portanto, para ser indígena o caboclo deve deter o regime de índio e, na medida do possível, a “ciência do índio” está entendida como um corpo de saberes dinâmicos sobre o qual se fundamenta o segredo da tribo. São saberes de caráter sagrado, de acesso restrito e proibidos a não-índios ou mesmo a índios de outros grupos étnicos (GRUNEWALD, 2005).

Dessa árvore sagrada extraem algo que os ligam à dimensão simbólica, sagrada, espiritual, e que denomina de “vinho da jurema”, um enteógeno. A Jurema (*Mimosa tenuiflora*) apresenta um alcalóide triptamínico da família dos alucinógenos indólicos, segundo Carlini e Masur (1989). Mas a dimensão de sacralidade do seu consumo passa ao largo da descrição bioquímica dos seus efeitos e ambas são incompatíveis e verdadeiras a sua maneira. Por um lado, nem sempre as dosagens e os modos de consumo ritual que “abrem os encantos” seriam capazes de explicar as alterações de consciência por eles provocadas. Por outro, quando se examina a Jurema por uma perspectiva estritamente simbólica, descobre-se que os pretensos símbolos universais nela envolvidos são realmente significáveis a partir de procedimentos muito particulares e de ações rituais, neurofisiologicamente eficientes.

Segundo Mota (2007), o vinho da jurema foi determinado como substância de efeito alucinógeno, cujo princípio ativo é o DMT (N,N-dimetiltriptamina) (Figura 6).

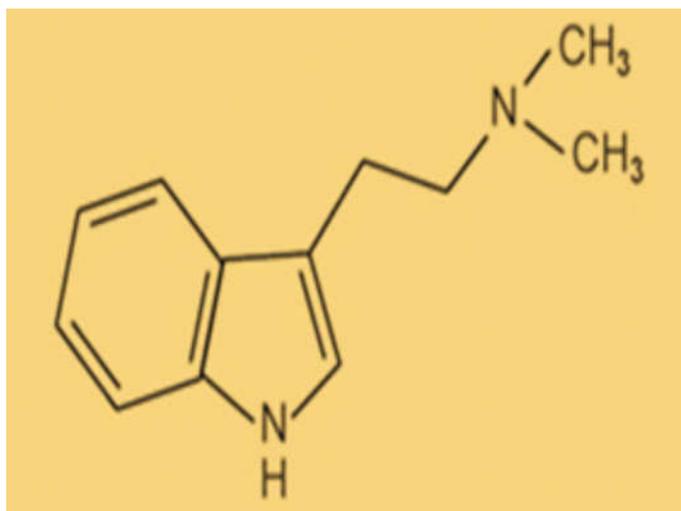


Figura 6 – Estrutura da N,N-dimetiltriptamina - DMT

No entanto, se o preparo for feito com o vegetal e for ingerido oralmente, o DMT torna-se inativo no trato digestivo. Como a jurema é tomada como bebida, não está claro que outras substâncias podem estar presentes na bebida para bloquear a inativação do DMT. Somente por considerar a validade científica das descrições dos indígenas que diferem em muito das interpretações acadêmicas, é que podemos descrever a natureza simbólica e sagrada da Jurema nos rituais indígenas aqui tratados. Vários estudos sobre o vinho da jurema e suas atividades farmacológicas já foram desenvolvidos por autores, como Albuquerque (1997, 2002), Lewis (1977) e Lima (1975), entre outros.

De um modo geral os povos indígenas do Nordeste que praticam rituais sagrados sob este contexto reafirmam a sua identidade, de modo que os compartilhamentos de segredos proporcionam significados necessários à experiência de ser indígena. Os Koiupanká foram por muito tempo perseguidos devido às ampliações de dominação dos colonizadores. As relações de parentesco, matriz cultural e

religiosa estão diretamente ligadas aos Pankararu/PE. Segundo Medeiros (2006), a partir da pesquisa antropológica foi detectado que a identidade cosmológica dos Koiupanká é oriunda do povo Pankararé, do município de Glória, sertão da Bahia. Tais formas ritualísticas presentes nos Koiupanká reiteram o que foi falado anteriormente a respeito da importância desses rituais indígenas sagrados, em todo o processo de reconhecimento étnico sempre esteve muito presente entre os índios do Nordeste este marco diferencial que é a prática ritualística diferenciada da sociedade nacional. Os Pankararu, em Brejo dos Padres, Tacaratu, Jatobá e Petrolândia, todos no estado de Pernambuco, são considerados o centro irradiador da matriz cultural dos grupos indígenas. Um dos grupos remanescentes, os Kalankó, atualmente somam cerca de 70 famílias, no total de aproximadamente 390 indivíduos e vivem no sertão do estado de Alagoas.

6 CONCLUSÕES

Os elementos que caracterizam a etnia Pankararé, tanto o Toré quanto a Jurema, são sagrados e, ainda que como rituais ocupam espaços não indígenas, e constituem-se em indicadores, afirmadores e delimitadores da presença, inclusive espiritual, indígena para os Pankararés e para sociedade brasileira. A estrutura deste culto compartilha com outros ritos dos povos indígenas nordestinos uma linguagem ritual que é denominada pelos antropólogos de complexo ritual da jurema. Tal complexo revela, por seu turno, a existência de um campo religioso especificamente indígena, que inclui um conjunto de representações no qual a presença da jurema engloba também as concepções existentes em torno desta planta, a exemplo dos sistemas de crença e cura, sistemas de classificação botânica, representações e epistemologia. Os autores contemporâneos chegaram a um ponto comum, o de que a Jurema enquanto bebida sagrada possui “muitas faces” os adeptos de religiosidades afro-brasileiras, bem como os indígenas percebem e interpretam a difusão da Jurema como elemento comum em variadas formas de cultos, resignificando e singularizando a sua utilização. A jurema não apenas teria o papel aqui de contrapor um conhecimento indígena (ciência dos mistérios)

a um conhecimento branco (ciência/racionalismo ocidental), destituindo assim dos tipos de conhecimentos em sua preocupação hierárquica, mas também de legitimar a etnia nordestina indígena. Os Pankararés bem como os indígenas em geral parecem ser unânimes em atribuir-se como tradicionalmente portadores de uma cultura juremeira, exclusiva do conhecimento indígena nordestino.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica de uma bebida cerimonial no Nordeste do Brasil. **Rev. Bras. de Farmacol.**, v. 78, n. 4, p. 86-89, 1997.

_____. A jurema nas práticas dos descendentes culturais do africano no Brasil. In: MOTA, C. N.; ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). **As muitas faces da Jurema: De espécie botânica a divindade afro-indígena**. Recife: Bagaço, 2002.

CALDAS. P. M. S.; BORGES CAVALCANTE, M. A.; MEIRA DE ANDRADE M. V. Potencial forrageiro da caatinga, fenologia, métodos de avaliação da área foliar e o efeito do déficit hídrico sobre o crescimento de plantas. **REDVET Rev. Electrón. Vet.**, Málaga, v. 7, p. 1-10, 2006.

CARLINI, E.; MASUR, J. **Drogas**: subsídios para uma discussão. São Paulo: Brasiliense, 1989.

[FUNASA] FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. 2008. Disponível em: <www.funasa.gov.br>. Acesso em: 1 fev. 2008.

GRÜNEWALD, R. A. (Org.). **Toré**: regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Massangana, 2005.

[IBGE] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa de vegetação do Brasil**. Rio de Janeiro, 2009.

LEWIS, W. H.; ELVIN-LEWIS, M. P. F. **Medical botany**: plants effecting man's health. New York: John Wiley & Sons, 1977.

LIMA, O. G. **Pulque, balchê e pajauaru na etnobiologia das bebidas e dos alimentos fermentados**. Recife: UPF, 1975.

MAIA, G. N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. São Paulo: D & Z Computação Gráfica Ed., p. 237-246, 2004.

MAIA, S. M. **Os Pankararé do Brejo do Burgo: campesinato e etnicidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia).1992. 109 f. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

MARQUES, J. **A Festa do Amaro: o povo indígena Pankararé**. Paulo Afonso: TV Fonte Viva, 2006. Vídeo documentário.

_____. **As caatingas: debates sobre a ecorregião do Raso da Catarina**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2007.

MEDEIROS, G. O uso ritual da jurema entre os indígenas do Brasil colonial e as dinâmicas das fronteiras territoriais do Nordeste no século XVIII. **Clio - Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n. 20.1, p. 123-150, 2006.

MOTA, C. N. Jurema and ayauasca: dreams to live by. In: POSEY, D. A. et al. (Ed.). **Ethnobiology: implications and applications**. v. 2. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1990.

_____. **Os filhos da jurema na floresta dos espíritos: ritual e cura entre dois grupos indígenas do Nordeste brasileiro**. Maceió: EDUFAL, 2007.

REIS, R. R. A. **Paulo Afonso e o sertão baiano: sua geografia e seu povo**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2004.

SAMPAIO, J. A. **Memorial do Descobrimento será dentro de terra indígena**. Parabólicas - Instituto Socioambiental, São Paulo, edição 34, 1997.

Agradecimentos

ETNOGRÁFICA E ETNOBIOLOGIA SOBRE O USO DA JUREMA-PRETA (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.)
PELOS ÍNDIOS PANKARARÉ (NORDESTE DO BRASIL)

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB), à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), à FUNAI, à FUNASA, à comunidade indígena Pankararés do Brejo do Burgo (Cacique Afonso, Patrícia e D. Edézia), aos Professores Dr. Juracy Marques e Dr^a Eliane Maria Nogueira do Departamento de Educação Campus VIII da UNEB.